

Médicos usuários de álcool e drogas

O consumo de álcool e drogas entre médicos é assunto polêmico, que tem sido cada vez mais comentado, quase sempre envolvendo opiniões calorosas. No entanto, pouco se sabe sobre esse tema na literatura internacional e, no Brasil, particularmente, nunca havia sido feito um estudo que buscasse conhecer melhor esses usuários.

Existe uma preocupação acentuada acerca de fatores que facilitarão o desenvolvimento de dependência entre médicos, como rotina estressante e fácil acesso a substâncias

potencialmente causadoras de dependência. Não encontramos dados concretos indicando que o padrão de consumo de substâncias entre médicos seja diferente do registrado na população. No

entanto, o prejuízo no desempenho profissional observado justifica investimentos nessa área.

A pesquisa conduzida pela Uniad (Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas), do Departamento de Psiquiatria da Unifesp, foi realizada com o objetivo de conhecer as características dos médicos usuários de álcool e drogas, assim como melhor compreender o impacto e a extensão do uso de substâncias tóxicas na vida desses profissionais.

Foram analisadas informações obtidas de 206 pessoas com forma-

ção médica, atendidas em ambulatórios por problemas relacionados ao uso de álcool e drogas nos últimos 5 anos.

A maioria era de homens casados, com idade média de 39 anos. As especialidades mais encontradas foram clínica médica, anestesiologia e cirurgia.

A pesquisa mostrou ainda que 31% apresentavam, além dos uso substâncias entorpecentes, doença psiquiátrica como depressão, transtorno afetivo bipolar e transtorno de personalidade.

Entre os pesquisados, 39% usavam álcool e drogas; 35%, só álcool; e 28%, só drogas. Entre as substâncias mais consumidas estão álcool, cocaína, benzodiazepínicos (calmantes como Valium, Lexotan e Diasepan), maconha e opiáceos (morfina, por exemplo).

Entre as principais questões levantadas quando esse assunto é discutido estão os danos que poderiam ser causados aos pacientes assistidos por esses médicos. Na prática, isso não ocorre, uma vez que medidas preventivas foram tomadas anteriormente, pois todo hospital dispõe de um comitê de ética, que supervisiona a atividade médica, impedindo por exemplo que médicos intoxicados estejam atendendo os pacientes.

Observamos que esses médicos apresentam sintomas decorrentes do uso de álcool e drogas, como desemprego, problemas no casamento, acidentes automobilísticos e problemas legais. Ainda assim, não existe suporte para o estabelecimento de serviços adequados, o que faz com que esses profissionais não se sintam devidamente acolhidos, justificando a demora para a procura de tratamen-

to depois que se evidencia esse prejuízo pessoal e profissional. Esses médicos relutam em buscar ajuda, parte por negação, parte por medo do estigma associado ao uso de álcool e drogas e de possíveis medidas punitivas que os impeçam de trabalhar. Fica então óbvio que uma melhor abordagem do problema é necessária. Pesquisas anteriores sugerem que médicos dependentes parecem apresentar índices de sucesso satisfatórios quando submetidos a programas de tratamento adequados.

Com base nesses dados, o Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo está desenvolvendo medidas que visam ao tratamento adequado de médicos dependentes de álcool e drogas. Algumas diretrizes para a implementação de um programa adequado sugerem intervenção imediata, avaliação e encaminhamento para instituições especializadas, tratamento ininterrupto, reinício rápido da prática e monitorização cuidadosa. As propostas elaboradas incluem a criação de um sistema de orientação para médicos dependentes, familiares e colegas, que funcionaria 24 horas, e a criação de uma rede multicêntrica de serviços credenciados habilitados para o tratamento desse grupo de usuários de álcool e drogas. Com esses esforços, esperamos encorajar médicos dependentes e os que estão à sua volta a procurar ajuda antes que conseqüências mais graves apareçam. Os bons resultados do tratamento seriam benéficos para o médico dependente, sua família e, ainda, a população que os procura. ■

Por: Juliana Cañada Surjan, pesquisadora, e Ronaldo Laranjeira, coordenador da Uniad (Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas), do Departamento de Psiquiatria da Unifesp



Laranjeira coordenou o estudo com médicos dependentes